



*Agenda 150 Anos de Memória
Histórica do Tribunal Bandeirante*

*Homenagem ao
Desembargador Renato Torres de
Carvalho Filho*

09/09/2015

ÍNDICE

Clique nas chamadas para ser remetido para a página onde se localiza o texto

DISCURSO - Des. Ricardo Cintra Torres de Carvalho (Filho do homenageado e Orador em nome do Tribunal de Justiça de São Paulo)

DISCURSO PROFERIDO EM NOME DA FAMÍLIA - Carmem Silvia Cintra Torres de Carvalho (filha do homenageado)

ENCERRAMENTO - Des. José Renato Nalini (Presidente do Tribunal de Justiça)

A Corte paulista, em cerimônia realizada no Palácio da Justiça, homenageou o Desembargador Renato Torres de Carvalho Filho, em continuidade à Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal Bandeirante.

O caráter humano que o desembargador Renato Torres de Carvalho Filho demonstrou em sua carreira e na vida pessoal foi lembrado por magistrados, advogados, familiares e amigos na mais recente edição da *Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal de Justiça Bandeirante*, no Salão do Júri do Palácio da Justiça.

Renato Torres de Carvalho Filho nasceu em São Paulo, em 3 de julho de 1924. Formou-se pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), turma de 1949. Ingressou na Magistratura em 1956. Foi juiz em Lorena, Descalvado, Andradina, Barretos e na Capital. Promovido ao Tribunal de Alçada Criminal em 1972, ingressou também no 2º Tribunal de Alçada Civil ainda naquele ano. Chegou ao cargo de desembargador do TJSP em 1979, onde ocupou a 4ª vice-presidência da Corte, no biênio 1990/1991. Aposentou-se em 1993 e faleceu em 2013.

O orador em nome da Corte paulista foi seu filho, o desembargador Ricardo Cintra Torres de Carvalho, que destacou as qualidades do homenageado no exercício da Magistratura.

O Tribunal recebe hoje desembargadores, juizes, funcionários, amigos e familiares em respeito à memória dos que aqui passaram e ajudaram a construir o que temos hoje; nos reunimos para homenagear o Des. Renato Torres de Carvalho Filho, meu pai, um homem de convicções profundas, caráter reto e espírito aberto. Fazemos um discurso a quatro mãos que não termina quando eu termino, mas que continua nas palavras da filha Carmen Sílvia, que representa todos os familiares. Eu apresento o juiz, a Carmen Sílvia descreve o pai e o amigo, facetas indissociáveis de quem ele foi.

O Des. Renato Torres de Carvalho Filho nasceu em São Paulo em 3-7-1924, o quarto em seis filhos; filho de advogado, formou-se na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco em 1948; trabalhou no escritório do pai, depois na Caixa Econômica Estadual, adentrou a magistratura em 8-5-1956, já com quatro filhos; iniciou a carreira como Juiz Substituto da 4ª Seção Judiciária – Lorena e foi Juiz de Direito de Descalvado, Andradina e Barretos; foi promovido em 16-12-1964 para a Vara Distrital da Lapa, a primeira desse tipo, e participou dos estudos que levaram à instalação da Vara Distrital de Santo Amaro; foi removido em 13-7-1965 para a 2ª Vara da Fazenda Estadual e em 28-5-1969 para Juiz Substituto de 2ª Instância. Foi promovido em 2-8-1972 para o Tribunal de Alçada Criminal, removeu-se em 21-12-1972 para o 2º Tribunal de Alçada Civil e foi promovido a Desembargador em 23-11-1979. Atuou por longos anos na então 2ª Seção Civil, que presidiu no biênio 1990/1991. Foi membro da Comissão do 152º Concurso para Ingresso à Magistratura em 1986 e integrou por vários anos a Comissão de Organização Judiciária. Recebeu o título de cidadão de Peruíbe e de Andradina. Aposentou-se em 31-8-1993, já próximo dos setenta anos, e prosseguiu rodeado da família até falecer em 19-10-2013, dois anos atrás.

Quem foi, de fato, Des. Renato Torres de Carvalho Filho? Dedicado ao trabalho e de espírito conciliador, dedicou-se à magistratura e à família, tratando a todos que o cercavam com respeito e carinho; residiu nas comarcas onde julgou e criou laços duradouros com a comunidade, auxiliando nas obras sociais e onde sua presença pudesse ser útil. Viveu em um tempo de poucas estradas pavimentadas e grandes distâncias, atendeu aos pedidos do tribunal quando dele necessitou para acumular comarcas vagas ou mesmo para pacificar uma comarca distante conturbada para onde nunca pensara em se promover (e para onde levou a esposa Carmen de avião na primeira vez, para que não percebesse a distância e o tempo da viagem por terra). Enfrentou dificuldade para estabelecer a família em Andradina, já com cinco filhos e que logo seria aumentada para os seis atuais, acomodada por meses em um hotel até encontrar a casa que pôde alugar (é verdade que comentou com o diretor do cartório que, ante tal dificuldade, pediria ao tribunal a mudança da sede da comarca para a cidade vizinha, onde o juiz seria mais bem recebido).



Foi um juiz de seu tempo, recatado e presente; atendia a quem o procurava no fórum ou em casa, cuidava do serviço judicial e extrajudicial e dedicava especial atenção aos advogados e às partes. Apoiou o Serviço de Colocação Familiar, ligado à jurisdição de menores, que era conduzido pela esposa Carmen mediante visitas semanais às famílias carentes e assim ajudando na proteção e na integração dos infantes e dos adolescentes. Dizia que não se faz justiça sem caridade e que não se pune por prazer, mas por necessidade, dedicando a todos o mesmo respeito; e uma vez, tempos depois do fato, quando nós filhos comentamos o carinho e a atenção com que um empregado de uma loja em Barretos nos tratava, nos disse que esse empregado havia sido condenado por ele e cumpria pena na cadeia pública, mas pedira ao comerciante aquele emprego e o liberara para trabalhar por ser uma forma de recuperação dele e de manutenção da família em vias de desagregação; foi um ato de humanidade e de coragem, pois ausente a previsão legal, e uma antecipação do regime semiaberto que seria instituído anos depois.

Trabalhou em um tempo em que menor a estrutura; trabalhava em casa, em um escritório com janelas para a rua e onde ficou conhecido por trabalhar até altas horas, depois que o movimento da casa diminuía e todos dormiam; suportou carga enorme de processos em um período sem regramento para a passagem de autos aos Juízes Substitutos de 2ª Instância, dando conta do serviço acrescido e do que lhe era próprio.

Viveu intensamente o tribunal e dedicou-se a contribuir para a sua melhoria; integrou a Comissão de Organização Judiciária por seis anos e fez percuciente análise da Justiça quando convidado pelo Des. Nelson Pinheiro Franco, então Presidente, para falar pelo tribunal na Abertura do Ano Judiciário de 1986. Anotou os tempos difíceis então vividos, a descrença do povo nas instituições e a necessidade de olharmos para fora, de não desapontar o povo que dependia de nós: “É necessário agir com humildade e prudência; humildade em reconhecer eventuais erros e prudência para que, na pressa em corrigi-los, não se os agrave”, descrevendo depois as diversas medidas que vinham sendo tomadas para a melhoria do serviço judiciário.

Presidiu a então 2ª Seção Civil logo após a instalação do Superior Tribunal de Justiça e ajudou a sistematizar a nova forma de apreciação dos recursos; eliminou o atraso que se formara nesse período de transição, ocasionado pela pletora de processos e pela devolução de muitos que estavam no Supremo Tribunal Federal, auxiliado por uma equipe de que sempre se orgulhou e que nunca esqueceu, os hoje Des. Paulo Dimas de Bellis Mascaretti e Thales Estanislau do Amaral Sobrinho, e esporadicamente pelos Juízes Auxiliares dos demais VicePresidentes Irineu Pedrotti, Manoel Pereira Calças, Ricardo Feitosa, Francisco Occhiuto e Ruy Coppola, que também integram este Tribunal.

Praticou e defendeu a igualdade de todos perante a lei e a imparcialidade do juiz, de que é exemplo a saudação que fez em nome da Banca Examinadora do 152º Concurso aos magistrados então vitaliciados, parte deles hoje integrante do tribunal: “As decisões não podem ser influenciadas pela simpatia ou posição social do litigante; elas têm de ser justas. Até mesmo os bárbaros praticavam essa virtude. Está registrado na história, como o afirma Ruy Barbosa, ter Canuto, rei dos vândalos, mandado justicar quadrilha de salteadores e um deles alegou ser parente del-rei. Canuto sentenciou: ‘Se provardes ser nosso parente, razão é que lhe façam a forca mais alta’”

O homem se conhece também pelo que admira e os valores que cultua. Ao falar pelo tribunal na Abertura do Ano Judiciário de 1986, o Des. Renato Torres de Carvalho Filho transcreveu trecho da carta de despedida do Des. Thrasybulo Albuquerque em 1959:

Inteligência e cultura não bastam para fazer o bom juiz; não se julga o juiz somente pelos seus despachos e sentenças, mas também pela sua conduta na sociedade e pela sua maneira de ser. Deve-se julgar primeiramente o homem; depois o magistrado e, finalmente, o cidadão-magistrado. Há homens que ingressam na magistratura e se isolam, criando o seu mundo, que será somente deles; outros querem continuar a ser os mesmos homens, vivendo da mesma maneira. Uns e outros estão superados. O magistrado não pode deixar de conviver em sociedade, não pode deixar de permanecer em contato com



seus jurisdicionados, procurando sentir seus anseios e dúvidas, para que numerosos e importantes atos e deliberações estejam de acordo com a realidade da vida atual. Mas, por outro lado, precisa preservar a dignidade de seu cargo, sua força moral, a confiança do povo, abstando-se de práticas impróprias. Se o juiz que se isola é arcaico, o juiz indiscreto é leviano. As duas classes devem ser banidas. Além desses, há os juizes ríspidos até a grosseria, enérgicos até a maldade. Não sei como podem existir e viver. O juiz precisa ser enérgico, porque a fraqueza é desprezível, mas a energia deve ter como limite o mal que desnecessariamente pode ser causado. Todos os jurisdicionados, principalmente os que labutam no foro, têm direito a um trabalho lhamo. O mais humilde servidor da Justiça tem direito ao nosso aperto de mão. O ideal do juiz é a conquista da estima e da confiança pública. Juiz temido é juiz odiado e, portanto, juiz infeliz. Estima e respeito fazem do juiz um homem feliz. [...] Será forte a magistratura quando todos os seus membros forem a um só tempo estimados e respeitados, tão respeitados quanto estimados.”

Essa carta descreve o Des. Renato Torres de Carvalho Filho e a lembrança que deixou nas cidades onde passou e nos lugares onde trabalhou. Aposentado 22 anos atrás, pouco a pouco seus colegas de turma e de trabalho foram também deixando o tribunal; mas sempre me comove, como seu filho e desembargador, que até hoje colegas e funcionários que o conheceram, desde o mais humilde, lembrem com carinho o tempo que passaram juntos.

Como lembrar tantos amigos, colegas e funcionários que foram importantes em sua vida? Peço perdão aos demais e cito aqueles que mais perto estiveram dele, companheiros de viagem e dos poucos passeios que fazia: Nelson e Aparecida Pinheiro Franco, Ivanhoé e Lindomar Nóbrega de Salles, Dagoberto e Ângela Cunha Camargo, José Mauro e Mirtes Bourroul Ribeiro, Aniceto e Lourdes Lopes Aliende, Carlos Alberto e Cecília Ortiz, na pessoa de quem homenageio a todos que o acompanharam e ajudaram em sua vida.

O homenageado viveu apoiado em três pilares: a família, em especial na pessoa da esposa Carmen que ao seu lado viveu por 63 anos e que o acompanhou em todas as vicissitudes, e os filhos que manteve sempre ao seu lado; a magistratura, a que dedicou parte substancial da sua vida; e o desejo intenso de fazer justiça a quem o procurava, na vida pública e particular, uma justiça solidamente regrada na lei e temperada por grande dose de humanidade. O Des. Renato Torres de Carvalho viveu e amou intensamente o que fez e a todos os que tiveram a ventura de com ele conviver de alguma forma. Deixa um exemplo aos que continuam, em uma época em que os exemplos rareiam. Foi um juiz feliz, estimado e respeitado.

Obrigado a todos.

Carmem Sílvia Cintra Torres de Carvalho, filha do homenageado, falou em nome da família.

Boa tarde. Cumprimento todos os presentes na pessoa do Excelentíssimo Senhor Desembargador Doutor José Renato Nalini, Presidente do Tribunal de Justiça, na pessoa do Excelentíssimo Senhor Desembargador Doutor Eros Picelli, Vice-Presidente do Tribunal.

Quando meus irmãos ligaram, dizendo que havia sido escolhida para homenagear meu pai em nome da família, apesar de ter me sentido honrada, fiquei pensando se seria a pessoa certa, porque tenho tanta, mas tanta saudade dele, que peço desculpas de antemão se não conseguir conter minha emoção.

Para meu pai a vida tinha duas grandes motivações: o trabalho e a família. O Ricardo nos trouxe quem ele foi em sua profissão, eu vou trazer o homem e o pai que ele era e vocês poderão ver o quanto foi coerente, sendo em qualquer âmbito de vida o mesmo homem.

Representar a família é falar em nome de muita gente! Papai constituiu uma grande família: 6 filhos – Renato, Juca, Ricardo, Reinaldo, Heloisa e eu, 2 genros, 4 cunhadas, 14 netos, 6 bisnetos, mais 3 esposas de netos e 5 maridos de netas. Um almoço em sua casa hoje seria uma festa completa: 40 mais ele e minha mãe - 42 pessoas! Nossa casa sempre foi assim, cheia de gente e de alegria. Era um grande patriarca e conseguia manter toda essa turma ao redor dele. Adorava comer: “*Carminha, vamos fazer um cozido neste domingo*”. E lá íamos todos nós comer, dar risada e conviver com ele.



Conviver com meu pai sempre foi uma experiência de aprendizagem. Coerência era uma marca forte de seu caráter. O que falava era o que fazia. Ele nos ensinava o tempo todo, com palavras e com ações.

Papai tinha muito cuidado com o sentimento das pessoas, de tal forma que até para nos dar coisas fazia de jeito especial.

– Filha, estou precisando de companhia para comer um doce na padaria. Você poderia fazer esse favor para mim?

– Favor, pai? Eu adoro comer doce na padaria!

Ele era assim, mesmo quando fazia coisas que nos beneficiavam, conseguia fazer de um jeito que parecia que nós é que éramos bons e não ele! Essa era uma de suas sabedorias: fazer com que todas as pessoas se sentissem importantes.

Quando era pequena vira e mexe ia a seu escritório pedir que fizesse passarinhos de origami, ou falar de meus problemas. Ele estava sempre lá, atrás de suas pilhas de processos. Eu chegava e ele parava tudo. Escutava minhas questões de criança como se fossem tão sérias quanto as dos processos que julgava. Além de amada, ele me fazia sentir importante. Não importava que minhas questões fossem pequenas para ele, ele sabia que eram grandes para mim. E essa foi uma das coisas preciosas que ele nos ensinou: a ver as pessoas.

Ninguém era invisível para ele. Sempre tinha um elogio para a cozinheira, uma brincadeira para o garçom, uma pergunta delicada para o caixa do banco, uma palavra carinhosa para a enfermeira. Ninguém escapava de seu olhar, nem mesmo o morador de rua. Essa é uma das lembranças que mais me toca, não consigo pensar nele sem voltar a ela.

Um homem que havia sido pedreiro em uma reforma de nossa casa, trabalhando em outro lugar deixou cair cal nos olhos e ficou com a visão comprometida. Acabou decaindo e se tornou um morador de rua. Morava em uma esquina lá perto de casa e todos os dias vinha pedir ajuda em nossa porta. Minha mãe, sempre muito caridosa providenciava comida, mas ele queria mais. Do portão gritava: Dotô Renato! Dotô Renato! E o papai, que trabalhava no escritório de frente para a rua, saía de detrás das suas pilhas de processos e atendia o Dotô Renato, como todos nós o chamávamos. Assim como a mim, ouvia suas questões. Durante anos essa foi a rotina, até que um dia o Dotô Renato desapareceu. Pensamos que havia morrido, mas um dia um homem limpo, barbeado e bem vestido tocou a campainha. Ninguém reconheceu o Dotô Renato. Contou-nos que havia sido recolhido pelo serviço da D. Zilda Natel e parado de beber. Quando estava em recuperação aprendera a fazer canetinhas de artesanato e as duas primeiras que havia feito eram para meu pai e para o Reinaldo, que, segundo ele, tinham sido as duas únicas pessoas que o haviam tratado com dignidade quando ele não era ninguém. Naquele dia papai nos ensinou que mais do que todos serem iguais perante a lei, que todos são iguais enquanto seres humanos e devem ser tratados com a mesma dignidade!

Quando cresci um pouco mais, no início da adolescência, um dia entrei chorando em seu escritório porque minhas amigas de colégio haviam falado coisas de mim que não eram verdadeiras. Estava arrasada com o sentimento de injustiça sofrida. Papai escutou em silêncio como sempre fazia e perguntou:

– Filha, você fez o que estão falando?

– Não pai, não fiz!

– Enquanto os cães ladram a caravana passa, filha. Você deve satisfação apenas para sua consciência. Se não fez, isso é o que importa. E me abraçou.

Naquele dia entendi porque ele era tão seguro em suas ações. Papai seguia apenas seus princípios, não importava o que os outros pensavam. E nos ensinava a fazer assim também.

Era um homem muito culto. Nossos almoços e jantares eram recheados de conversas inteligentes. Todos nós sonhávamos ganhar dele nas discussões, o que era uma missão quase impossível! Na hora das refeições, hoje tenho certeza, ele nos ensinou a pensar, a argumentar, a olhar para o mundo com curiosidade e gravidade, sabendo que somos todos responsáveis por fazer desta uma sociedade melhor. Aprendi muito mais nas refeições do que na



escola. E tive, junto com meus irmãos, o melhor mestre do mundo!

Mas papai não era apenas culto. Era íntegro e sábio. Dizia que não podemos falhar na integridade nunca. Jamais aceitou que o médico desse dois recibos para receber duas devoluções do convênio, mesmo quando o médico lhe oferecia. Dizia-nos que o que era correto, era correto, e que não devíamos fazer concessões nem mesmo no que nos pareceria pequeno.

O diálogo era seu método de educar e resolver conflitos. Nunca o ouvi levantar a voz, nunca nos bateu, nem mesmo nos colocou de castigo. Ele conversava, nos trazia à consciência, ampliava nossa visão sobre o assunto. E bastava. Sua sabedoria se impunha como obediência, nos orientava na vida, atraía amigos e primos. Seu escritório vivia cheio de gente!

Mamãe contava uma história que ele, na sua modéstia nunca havia me contado. Disse-me que quando papai era juiz em Andradina que teria que condenar um homem que havia cometido algo, não sei o que era. O problema é que quando ele fosse para cadeia, sua família ficaria desamparada e sem lugar para morar. Meu pai segurou a sentença, pediu a um dos advogados mais importantes da cidade que passasse uma lista e comprasse uma casa para a família daquele homem. Só depois que a mulher e filhos foram instalados ele foi preso. Em silêncio, nesta história papai nos ensinou que não existe justiça sem humanidade.

Campeão na arte de amar, nos amou muito, mas acima de tudo amou minha mãe. Carminha foi sempre a luz e o sol de sua vida. Viveu para ela e cuidou de minha mãe até o último minuto de sua vida. Fazia tudo o que ela queria e seu maior cuidado era não magoá-la. Sempre brinco com meu marido que se ele me amar metade do que meu pai amou minha mãe já estou satisfeita!

Papai foi um homem feliz. Alegre, brincalhão, amava a vida. Nunca conheci outra pessoa com mais desejo de viver do que ele. Sempre tinha planos! Mais no final de sua vida, quando a saúde já lhe trazia dor e sofrimento, muitas foram as internações. Ele odiava ficar na UTI, tinha medo de morrer sozinho, longe da família. Mas era incrível, quando a porta se abria, lá vinha sempre o doutor Renato, brincando com o enfermeiro e sorrindo, olhava para nós e dizia: *“Precisamos ver um lugar para viajar, porque estou precisando descansar.”* Nada, absolutamente nada derrubava aquele sonhador. A cada instante nos mostrava que a vida vale sempre a pena ser vivida!

Papai morreu lúcido como lúcido viveu.

A mim ele ensinou tudo.

Sobre a escuta e o cuidado.

Sobre os seres humanos e seu direito de serem tratados com dignidade.

Sobre a importância da justiça estar subordinada à humanidade.

Nos ensinou que o conhecimento é libertador, mas a sabedoria superior a ele.

Que devemos seguir nossos princípios e ser sempre fiel a eles, pois devemos satisfação acima de tudo à nossa consciência.

E mais, mais do que tudo, nos ensinou a solidariedade, a alegria de viver e o AMOR. Amor pelo outro, amor pela vida.

Este é nosso pai. Acho que agora dá para vocês entenderem porque todos nós sentimos tanta, tanta saudade dele!

O desembargador **José Renato Nalini**, presidente do Tribunal de Justiça, encerrou a solenidade. “No momento que precisamos tanto de bons exemplos, o projeto ‘Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal de Justiça Bandeirante’ ganha importância. O exemplo de vida deixado pelo homenageado nos mostra que é possível conciliar carreira e exercício integral do dever, sem descuidar do mais importante, o ser humano, vivendo com delicadeza, sensibilidade e ternura.”

Participaram, também, da solenidade o vice-presidente do TJSP, desembargador Eros Piceli; o corregedor-geral da Justiça de São Paulo, desembargador Hamilton Elliot Akel; o presidente da Seção de Direito Privado do



TJSP, desembargador Artur Marques da Silva Filho; o presidente da Seção de Direito Público, desembargador Ricardo Mair Anafe; o presidente da Seção de Direito Criminal, desembargador Geraldo Francisco Pinheiro Franco; o ex-governador de São Paulo, Luiz Antonio Fleury Filho; a diretora da *International Association of Women Judges* para a América Latina e Caribe, desembargadora Maria Cristina Zucchi; a desembargadora do Tribunal Regional do Trabalho da 2ª Região – São Paulo, Regina Duarte; o diretor secretário-geral adjunto da Ordem dos Advogados do Brasil – Seção São Paulo, Antonio Ruiz Filho, representando o presidente; o conselheiro da Associação dos Advogados de São Paulo, Rogério de Menezes Corigliano, representando o presidente; o diretor da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, José Rogério Cruz e Tucci; o presidente do Instituto de Estudos de Protesto de Títulos do Brasil – Seção São Paulo, José Carlos Alves; o gerente geral da Associação dos Registradores de Pessoas Naturais de São Paulo (Arpen-SP), Marcos Pimentel da Silveira, representando o presidente; o juiz assessor e chefe do Gabinete Civil da Presidência, Ricardo Felício Scaff; as juízas assessoras da Presidência Maria de Fátima Pereira da Costa e Silva, Maria Fernanda de Toledo Rodovalho e Alexandra Fuchs de Araujo; o juiz assessor da vice-presidência Carlos Henrique André Lisboa; o chefe da Assessoria Policial Militar do TJSP, cel PM Washington Luiz Gonçalves Pestana; o delegado chefe da Assessoria Policial Civil do TJSP, Fábio Augusto Pinto; o chefe de gabinete da Presidência do TJSP e decano da Academia Paulista de Letras, poeta Paulo Bomfim; os filhos do homenageado Renato Torres de Carvalho Neto, Reinaldo Cintra Torres de Carvalho, José Cintra Torres de Carvalho, Heloísa M. C. T. de Carvalho Melillo; as noras Carmem, Jacira e Ilka; os genros Paulo e Fábio; os netos Felipe e Amanda; demais desembargadores, juízes, familiares e amigos.

